



CAPÍTULO 1

— **M**arcelo, você está pronto?
Levantei o polegar. Isso quer dizer que estou pronto.

— Tudo bem. Agora vou empurrar você para dentro.

Então, ele me desliza para dentro do túnel da máquina. Gosto da sensação de ficar trancado. As luzes não são fortes a ponto de machucar meus olhos, mas fecho-os de qualquer maneira.

— Não se esqueça de levantar o dedo assim que você ouvir a música mental.

O túnel tem um alto-falante. A voz do Dr. Malone sai dele.

Espero pela música. Ela sempre vem. A parte difícil é lembrar de levantar o dedo. Tem uma câmera pequenina que permite a Dr. Malone e Toby me verem lá de cima da cabine de controle.

“Marcelo, Marcelo”, ouço o Toby a distância. Gosto do Toby. Ele é médico que nem Dr. Malone, mas não me deixa chamá-lo de doutor. Uma vez eu o chamei de doutor e ele me corrigiu e disse “Toby, por favor”. Seu rosto é coberto de sardas.

— Pronto para o que se entende como cair na real? — me pergunta ele ao me puxar para fora.

— Sim — digo a ele.

“Cair na real” é como ele se refere à música que o alto-falante toca dentro da máquina. A música que toca na minha cabeça não é considerada real.

Toby está segurando um pedaço de papel que lista diferentes tipos de música real.

— Dessa vez, que tal escolher uma deste lado?

— Tudo bem.

A música da página de trás tem opções de rock. É o tipo de música preferido do Toby. Não reconheço as músicas nem os compositores. Finalmente, pego uma de um compositor chamado Santana porque o nome dele parece com Sandoval, que é o meu nome. Gosto também do título da música, “The Calling”, “o chamado”.

— Maneiro — diz Toby, e o sorriso em seu rosto quer dizer que fez uma boa escolha. — Santana e Clapton juntos. Maneiro.

Maneiro, digo para mim mesmo. Faço uma anotação mental para usar a palavra da próxima vez que gostar de algo.

Alguns minutos se passam e Toby volta com a lista. Está franzindo o cenho.

— Você tem que pegar do outro lado. O velho acha que rock superestimula sua massa cinzenta.

Toby rola os olhos para cima enquanto mira na direção do Dr. Malone, que está lá em cima na cabine mexendo com alguns controles. Não entendo o significado preciso da expressão facial de Toby.

Rapidamente, escolho o “Largo” do Concerto para Piano Nº 3, de Beethoven. Gosto da melodia simples da música. Além disso, sei que dura somente uns dez minutos.

Toby me empurra para dentro do túnel novamente.

— Como é a música mental? — Dr. Malone me pergunta quando me tiram do túnel.

Paro de amarrar meu tênis para pensar na pergunta dele. Mas é impossível pôr em palavras como é a música interna da minha cabeça. (Prefiro a palavra “interna” à palavra “mental” quando se trata da música. O fato de que MI, para abreviar o conceito, exista na minha cabeça não quer dizer que ela seja *produzida* pela minha cabeça.) Como é MI? Quantas vezes Dr. Malone me fez essa pergunta e quantas vezes não fui capaz de responder?

— Maneira — digo. — Ela é maneira.

Procuro Toby, mas ele está lá em cima na sala de controle.

— Você quer dizer que ela é agradável? Os sons são agradáveis ao ouvido?

— A música não é ouvida com os ouvidos.

E aí percebo que “maneira” não é a palavra certa. A música é agradável, claro, mas é muito mais que isso.

— Se não é ouvida, o que é então?

Como posso descrever? É como ouvir música muito alta com fones de ouvido. Só que a música parece que vem de dentro do cérebro. Na verdade, é uma sensação muito legal.

— Ela simplesmente está lá — digo ao Dr. Malone.

Então uma imagem vem a minha cabeça:

— É como uma grande melancia.

— Como?

Uma das razões para eu gostar de trabalhar com o Dr. Malone é que suas expressões faciais são muito claras e fáceis de entender. Essa que ele acabou de fazer é um exemplo de livro didático para “perplexo”.

Desenvolvo sobre a imagem que me veio à mente. É a primeira vez que faço essa conexão, então não sei bem onde vou parar.

— Quando a música interior toca, Marcelo é como um de seus *caroços*. A música é o resto da melancia.

Dr. Malone franze a testa. Na verdade, ele meio que franze, meio que ri, como se estivesse se esforçando para ficar sério.

— Você sabe que acabou de pôr a ênfase certa na palavra certa? Isso é bom. Um ano atrás você não conseguia fazer isso. Paterson tem lhe feito bem.

Paterson. Olho meu relógio. Aurora vai me levar em seu carro até Paterson depois da sessão com Dr. Malone para ver o potrinho que nasceu ontem à noite. Harry (é assim que a gente chama o Sr. Killhearn, chefe dos cavaliços em Paterson) telefonou esta manhã e disse a Aurora que o potro nasceu às 2h35 da madrugada. Implorei a ela que me levasse hoje, embora Aurora trabalhe o dia inteiro no hospital. Eu poderia esperar dois dias, até segunda-feira, quando começo meu trabalho de férias tomando conta dos cavalos, mas é muito difícil esperar. Eu tinha esperança de estar lá quando ele nascesse, e as horas de hoje pareceram compridas como as de uma semana.

Ainda tenho meia hora com Dr. Malone. Trato de me lembrar. Desta vez, vou me assegurar de que a sessão não se estenda além da hora marcada, como às vezes acontece.

Dr. Malone está falando de novo.

— Mas vamos voltar à música. Qual é o *conteúdo* da música mental? Ela soa como uma música normal? Tem uma melodia?

— Sim e não.

Detesto soar impreciso. Nesse caso, imprecisão é o máximo (e o mínimo) que consigo em termos de exatidão.

— Está beeeem — ri Dr. Malone. — Qual é a parte que soa como música normal?

— Fecho os olhos e imagino um violoncelo grande como a Terra e um arco longo como a Via Láctea, e o arco se movendo às vezes devagar às vezes rapidamente por entre as cordas do instrumento.

— Ouço Dr. Malone a distância.

— Música tem melodia, ritmo, compasso. A música mental tem algum desses elementos?

— Agora já estou pensando no meu trabalho de férias e como vou fazer para passar o dia todo com os cavalos. Volto ao Dr. Malone e suas perguntas. Estou sendo pago por isso, digo a mim mesmo. Tenho que dar o máximo possível a esse negócio. Além disso, gosto do Dr. Malone e gosto do Toby.

— Não é bem assim.

— Você consegue cantarolá-la?

— Não.

— Então não é música.

— É o sentimento de música sem o som.

— Pronto. Isso é o máximo de precisão que eu consigo nesse tipo de linguagem que o Dr. Malone está querendo.

— Que tipo de sentimento?

— Não tenho a menor ideia de como definir esse sentimento. Às vezes a música é animada e rápida e eu a chamo de “alegre”. Às vezes é mais devagar, em um tom mais baixo, e eu a chamo de “triste”. Em geral a música é apenas incrivelmente calma. Maneira. Gosto dessa palavra.

— Marcelo! Volte aqui. Estamos quase acabando. Sempre tem isso, o sentimento de música sem o som?

— Tem. Quando eu procuro por ele. Quando Marcelo procura, sempre tem.

— Quando Marcelo procura onde?

— Aqui — toco a parte de trás de minha cabeça, logo acima da nuca.

— Pode acontecer de esses sons virem quando você não está querendo que venham ou fiquem quando você não está querendo que fiquem?

Penso sobre isso. A verdade é que o puxão da música está sempre presente. Como um minutinho atrás, quando eu estava tentando descrevê-la para Dr. Malone, minha vontade era deslizar de volta para a música. E também é difícil sair quando estou lá. Mas não é isso que digo para ele. Não sei se conseguiria encontrar as palavras certas para descrever esses pensamentos. Em vez disso, pergunto:

— Se isso acontecesse, então Marcelo estaria louco, não é?

Dr. Malone ri e meneia a cabeça ao mesmo tempo. Ele está sempre testando, fazendo sua pesquisa, mas de olho na minha saúde mental também. Apesar de suas perguntas irrespondíveis e seu senso de humor boboca, não me incomoda de vir conversar com Dr. Malone. Faço isso a cada seis meses desde meus cinco anos, o que quer dizer, se estou com dezessete, que já vim ver o Dr. Malone 25 vezes. As visitas duram duas horas e têm três funções: primeiro, ele se assegura de que meu cérebro esteja fisicamente legal. Segundo, os dados que ele pega ajudam outras pessoas que precisam de ajuda de verdade. Terceiro, desde o ano passado, sou pago 300 dólares por visita de acordo com regulamentos de um patrocínio que Dr. Malone recebeu.

Ele começa a andar em direção à sala de controle e eu o sigo.

— Isso é incrível — diz ele depois de estudar duas telas de computador. — Venha aqui. Quero lhe mostrar uma coisa.

Ando até onde estão Dr. Malone e Toby. Dr. Malone diz:

— Essa é uma imagem de seu cérebro quando você ouviu a música real, e essa aqui mostra você ouvindo, ou lembrando, como você diz, a música mental. Está vendo?

Vejo duas fotografias do meu cérebro. Cada imagem tem manchas vermelhas e azuis em lugares diferentes.

— Quando você ouviu a música real, os dois lados do lobo temporal estavam ativados — mostra Dr. Malone, apontando para uma marca vermelha brilhante na parte frontal do meu cérebro em uma das fotografias. — Mas aqui, quando você ouve a música mental, tem alguma coisa acontecendo no hipotálamo, a parte mais antiga do cérebro humano. Você sabe, a parte que fazia nossos ancestrais das cavernas lutarem ou fugirem.

— Todo o sistema límbico se acendeu como fogos de artifício nessa região — diz Toby, apontando para a imagem do meu cérebro ouvindo a MI.

Dr. Malone olha para mim.

— Definitivamente, você está absorvido com algo, mas não está pensando — então se volta para Toby e diz:

— Toby, vá ver aqueles testes dos gatos, sabe, quando escanearam os bichos enquanto alguém balançava uma corda na frente deles. Acho que o hipotálamo estava afetado ali também.

Não consigo deixar de rir por dentro. Gosto de saber que meu cérebro é como o de um gato. Lembra uma coisa que meu tio Hector me disse uma vez enquanto me ensinava a levantar peso. Ele me disse para me concentrar nos músculos que eu estava usando como um leão vendo um intruso se aproximar de sua toca.

Aurora está me esperando na recepção. Passo por ela com esperança de que ela não vá perder tempo perguntando ao Dr.

Malone como foi a sessão, como faz normalmente. Quero chegar a Paterson o mais cedo possível. Harry não é uma pessoa paciente. Ele me prometeu o trabalho de férias como cavalariço depois que viu como eu me relacionava com os pôneis, trabalhando com eles depois da escola. Mas tem outros garotos em Paterson que queriam o trabalho porque é um trabalho de férias muito, muito legal, e estou nervoso com a possibilidade de chegar atrasado.

Mas passar por ela não funciona. Aurora espera pelo Dr. Malone, que vem logo atrás de mim.

— Bem — diz ela, olhando para Dr. Malone —, descobriu alguma coisa?

— Vazio, totalmente vazio.

Dr. Malone estende o braço para tocar no topo da minha cabeça, mas se afasta, como se descobrisse de repente que estou mais alto do que ele.

— O pai dele quer mandá-lo para uma escola normal no próximo ano — diz Aurora.

Volto para onde Dr. Malone e Aurora estão conversando.

— Não — digo imediatamente.

— Sei o que você acha, mocinho — Aurora me diz. — Gostaria de ter a opinião do médico.

Vejo a hesitação do Dr. Malone. Ele sabe como me sinto em relação a deixar Paterson e ir para uma escola normal.

— É claro que ele está pronto. Ele poderia ter ido para uma escola normal desde o jardim de infância. Claro que pode — então Dr. Malone me olha e diz:

— Sinto muito, meu chapa.

Fixo meus olhos em um ponto no chão enquanto luto para encontrar palavras que expliquem por que ir para uma escola

normal não será bom para mim. Então ouço Aurora dizer, tentando me consolar:

— Isso não significa que você necessariamente tenha que ir. Só porque pode, não quer dizer que vá. Vamos conversar sobre isso.

— Estou com dezessete anos — desabafo.

— E daí? — indaga Aurora.

— Deveria ser uma decisão do Marcelo — reúno todas as minhas forças e levanto os olhos para encarar, primeiro, Aurora e depois Dr. Malone. — Deveria ter o direito de terminar o último ano do colegial em Paterson, onde sempre estudei.

— Ah, acho que vou ficar fora dessa — diz Dr. Malone.

— A idade mental de Marcelo é igual à de outros garotos de dezessete anos? — estou olhando para Dr. Malone.

Dr. Malone balança a cabeça. Isso quer dizer que ele compreende a natureza da minha pergunta.

— Idade mental? O que quer dizer isso? Cada um é diferente. Em alguns aspectos, você está cinquenta anos à frente de outros rapazes da sua idade.

Dr. Malone nunca dá respostas fáceis para perguntas complicadas somente para fazer as pessoas se sentirem melhor. O que quero que ele diga é que, dada a pessoa que sou, estarei melhor em um lugar como Paterson.

— Talvez seja positivo ele ter uma experiência diferente — diz Aurora.

— Você sabe o que penso com relação a isso — diz Dr. Malone para Aurora. — Sou contra o sofrimento. Se o garoto está feliz, é compreendido e apreciado, a seu tempo ele vai dar certo. Paterson tem sido positiva para Marcelo. Veja os resultados.

— *Sim! Obrigado, Dr. Malone* — digo a mim mesmo.

— Hum — o som está vindo de Aurora.

— O que “hum” quer dizer? — pergunto primeiro a Aurora e depois ao Dr. Malone.

Dr. Malone decide responder à pergunta.

— Definitivamente, você perguntou à pessoa certa. Nós na profissão médica sabemos muito a respeito de “hums”. Acho que, neste caso, o “hum” de sua mãe quer dizer que ela sabe que ainda tem muita coisa para você aprender e que talvez, se ficasse a seu critério, você escolheria não aprender essas coisas. Faz sentido?

— Faz — responde Aurora.

— Hum — agora o som parte de mim.

Não tenho a menor intenção de ser engraçado.